

OS LABORATÓRIOS DO TRABALHO DIGITAL

entrevistas

organização
Rafael Grohmann

Alessandro Delfanti • Antonio Casilli • Athina Karatzogianni • Bruno Moreschi • Cheryll Soriano • Christian Fuchs • Christian Laval • David Beer • Enda Brophy • Fabio Cozman • Fernanda Bruno • Florian A. Schmidt • Gabriel Pereira • Gabriella Lukács • Hamid Ekbia • Jamie Woodcock • Jathan Sadowski • Jérôme Denis • Judy Wajcman • Kristy Milland • Ludmila Costhek Abílio • Marisol Sandoval • Maud Simonet • Nick Couldry • Nick Dyer-Witheford • Nick Srnicek • Niels van Doorn • Ricardo Antunes • Ronald Purser • Roseli Figaro • Sarah T. Roberts • Sareeta Amrute • Sébastien Broca • Syed Mustafa Ali • Tamara Kneese • Ulises Mejias • Ursula Huws • Vincent Mosco • Virginia Eubanks • Wendy Liu



© Boitempo, 2021

Direção-geral Ivana Jinkings

Edição Carolina Mercês

Assistência editorial Pedro Davoglio

Preparação Kaio Rodrigues

Revisão Sílvia Balderama Nara

Coordenação de produção Livia Campos

Capa e diagramação Antonio Kehl

Equipe de apoio Artur Renzo, Camila Nakazone, Débora Rodrigues, Elaine Ramos, Frederico Indiani, Heleni Andrade, Higor Alves, Ivam Oliveira, Jessica Soares, Kim Dória, Luciana Capelli, Marcos Duarte, Marina Valeriano, Marissol Robles, Marlene Baptista, Maurício Barbosa, Raí Alves, Thais Rimkus, Tulio Candiottto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L123

Os laboratórios do trabalho digital : entrevistas / Alessandro Delfanti ... [et al.] ;
organização Rafael Grohmann. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2021.
(Mundo do trabalho)

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5717-074-8

1. Trabalho - Aspectos sociais. 2. Inteligência artificial. 3. Tecnologia da
informação. 4. Mídia digital. I. Delfanti, Alessandro. II. Grohmann, Rafael.
III. Série.

21-70453

CDD: 306.36

CDU: 331.004

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Esta publicação contou com apoio a partir da reversão de recursos provenientes
de descumprimento de termos de ajustamento de conduta (TAC) por empresas, realizado
pelo MPT-15ª Região.

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: junho de 2021

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285

editor@boitempoeditorial.com.br

www.boitempoeditorial.com.br | www.blogdaboitempo.com.br

www.facebook.com/boitempo | www.twitter.com/editoraboitempo

www.youtube.com/tvboitempo | www.instagram.com/boitempo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	I I
INTRODUÇÃO: TRABALHO EM PLATAFORMAS É LABORATÓRIO DA LUTA DE CLASSES – Rafael Grohmann.....	I 3
PARTE I – TRABALHO DIGITAL: ORGANIZAÇÃO, EXTRAÇÃO DE VALOR E INTERSECCIONALIDADES25	
1. O TRABALHO DIGITAL ALÉM DA UBERIZAÇÃO – Antonio Casilli	27
2. CAPITALISMO DE PLATAFORMA E DESANTROPOMORFIZAÇÃO DO TRABALHO – Ricardo Antunes.....	33
3. HETEROMAÇÃO DO TRABALHO E NOVAS LÓGICAS DE EXTRAÇÃO DE VALOR – Hamid Ekbib.....	39
4. NÃO HÁ TRABALHO SEM COMUNICAÇÃO – Roseli Fígaro.....	45
5. A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NOS GALPÕES DA AMAZON – Alessandro Delfanti.....	53
6. TRABALHO EM PLATAFORMAS É TRABALHO DE MINORIAS – Niels van Doorn	57
7. TEMPO, GÊNERO E TECNOLOGIA NO TRABALHO – Judy Wajcman.....	61
8. TRABALHO DIGITAL E TRABALHO GRATUITO EM PERSPECTIVA FEMINISTA – Maud Simonet.....	65
9. RAÇA E CLASSE NO TRABALHO DIGITAL EM OLHAR NÃO EUROCÊNTRICO – Sareeta Amrute	69
10. IMAGINÁRIOS, ASPIRAÇÕES E SOLIDARIEDADE NO TRABALHO DIGITAL NAS FILIPINAS – Cheryll Soriano.....	73
11. TRABALHO DIGITAL, GÊNERO E FOFURA NO JAPÃO – Gabriella Lukács.....	81
12. UBERIZAÇÃO COMO APROPRIAÇÃO DO MODO DE VIDA PERIFÉRICO – Ludmila Costhek Abilio.....	85

PARTE II – NARRATIVAS DO TRABALHO DIGITAL.....	93
13. A RETÓRICA DA ECONOMIA DO COMPARTILHAMENTO – <i>Athina Karatzogianni</i>	95
14. UBERIZAÇÃO COMO EXTENSÃO DA RACIONALIDADE EMPREENDEDORA – <i>Christian Laval</i>	101
15. <i>McMINDFULNESS</i> : RETÓRICA EMPREENDEDORA, IDEOLOGIA DO VALE DO SILÍCIO E VIOLÊNCIA EPISTÊMICA – <i>Ronald Purser</i>	105
16. A RETÓRICA SOBRE CIDADES INTELIGENTES E INTERNET DAS COISAS – <i>Vincent Mosco</i>	109
PARTE III – INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E TRABALHO DIGITAL	117
17. INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO CONDIÇÃO GERAL DE PRODUÇÃO – <i>Nick Dyer-Witheford</i>	119
18. O TRABALHO DOS MODERADORES DE CONTEÚDO DAS MÍDIAS SOCIAIS – <i>Sarah T. Roberts</i>	125
19. O TRABALHO PARA A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E A ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES – <i>Kristy Milland</i>	133
20. OS BRASILEIROS QUE TRABALHAM NA AMAZON MECHANICAL TURK – <i>Bruno Moreschi, Gabriel Pereira e Fabio Cozman</i>	137
21. TRABALHO E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL ALÉM DA MECHANICAL TURK – <i>Florian A. Schmidt</i>	143
22. DESCOLONIZAR A COMPUTAÇÃO – <i>Syed Mustafa Ali</i>	147
PARTE IV – ALGORITMOS, DADOS E DESIGUALDADES.....	153
23. RACIONALIDADE ALGORÍTMICA E LABORATÓRIO DE PLATAFORMA – <i>Fernanda Bruno</i>	155
24. PLATAFORMAS BIOPOLÍTICAS, DADOS COMO CAPITAL E VIRTUDES PERVERSAS DO TRABALHO DIGITAL – <i>Jathan Sadowski</i>	165
25. OS DADOS E A EXPROPRIAÇÃO DOS NOSSOS RECURSOS – <i>Nick Couldry</i>	169
26. A INVISIBILIDADE DO TRABALHO DE DADOS – <i>Jérôme Denis</i>	173
27. CIRCULAÇÃO E IMAGINÁRIO DOS DADOS – <i>David Beer</i>	177
28. A AUTOMATIZAÇÃO DAS DESIGUALDADES NO SETOR PÚBLICO – <i>Virginia Eubanks</i>	181
29. DESCOLONIZANDO OS DADOS - <i>Ulises Mejias</i>	187
PARTE V – ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES E PLATAFORMAS ALTERNATIVAS.....	191
30. ABOLIR O VALE DO SILÍCIO E ORGANIZAR OS TRABALHADORES – <i>Wendy Liu</i>	193
31. GAMIFICAÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO E RESISTÊNCIAS DOS TRABALHADORES – <i>Jamie Woodcock</i>	197

32. AS AMBIGUIDADES DO COMUM NO TRABALHO DIGITAL – <i>Sébastien Broca</i>	201
33. DESIGUALDADES ESTRUTURAIS NO TRABALHO DIGITAL – <i>Tamara Kneese</i>	205
34. TRABALHO COMUNICATIVO E PRÁTICAS AUTÔNOMAS – <i>Enda Brophy</i>	211
35. COOPERATIVAS NO SETOR DA CULTURA E O CONTEXTO DIGITAL – <i>Marisol Sandoval</i>	215
36. TRABALHO DIGITAL E PLATAFORMAS ALTERNATIVAS – <i>Christian Fuchs</i>	221
37. CONSTRUIR PLATAFORMAS PÓS-CAPITALISTAS – <i>Nick Srnicek</i>	225
38. DESMERCANTILIZAR AS PLATAFORMAS DIGITAIS – <i>Ursula Huws</i>	229
 BIBLIOGRAFIA GERAL	 235
SOBRE O ORGANIZADOR	245

Plataformas biopolíticas, dados como capital e virtudes perversas do trabalho digital

Jathan Sadowski

Jathan Sadowski é pesquisador do Laboratório de Pesquisa de Tecnologias Emergentes na Universidade de Monash, na Austrália. Seu trabalho analisa criticamente a tecnopolítica dos sistemas e espaços que são automatizados, guiados por dados e em rede. Seu artigo foi um dos mais acessados da revista *Big Data & Society* em 2019¹. Uma de suas publicações mais recentes é o livro *Too Smart: How Digital Capitalism is Extracting Data, Controlling Our Lives, and Taking Over the World* (MIT Press, 2020).

Nesta entrevista, ele fala sobre plataformas biopolíticas, “virtudes perversas” do trabalho digital, dados como forma de capital e maneiras de construir alternativas.

O que são plataformas biopolíticas?

Em nossa pesquisa sobre as condições de trabalho e de operação de capital em plataformas, eu e Karen Gregory procuramos analisar – examinamos o Deliveroo em particular, mas também observamos isso de maneira mais geral – como elas promovem uma forma de poder biopolítico sobre aqueles que nelas atuam. Com isso, entendemos que as plataformas criam e administram uma maneira de governar a vida dos trabalhadores com o objetivo de cultivar e acumular formas de capital humano/de dados.

Antes de entrar nessas diferentes formas de capital, em primeiro lugar, precisamos nos perguntar: o que é biopolítica? Em poucas palavras, Michel Foucault a conceituou como a aplicação do poder para governar a vida, tanto no nível dos corpos quanto das populações. O biopoder, portanto, é a capacidade de transformar pessoas individuais em uma população abstrata e coletiva passível de ser

¹ Jathan Sadowski, “When Data is Capital: Datafication, Accumulation, and Extraction”, *Big Data & Society*, ano 6, v. 1, 2019; disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/2053951718820549>>; acesso em: 12 mar. 2021.

monitorada e gerenciada a partir de métodos de cálculos. Argumentamos que a biopolítica manteve – senão ampliou – seu poder nesta era digital, baseada em dados e em rede. Ela é agora materializada e simbolizada pelos bancos de dados e algoritmos usados para coletar informações sobre pessoas, criar perfis, classificá-los em categorias e tomar decisões sobre suas vidas. Assim, as plataformas representam um mecanismo particularmente importante e influente para o ordenamento do biopoder. Por meio de uma abordagem biopolítica, podemos começar a entender criticamente como elas vão além de apenas explorar seus trabalhadores com salários baixos, tratando-os como “autônomos” precários. Também podemos ver como limitam as pessoas a certos tipos de características, contribuindo ainda mais para as operações tecnoeconômicas e a missão dessas empresas. Em outras palavras, as plataformas não são apenas uma forma de organizar o trabalho, mas também uma maneira de governar a vida.

Você fala em três virtudes perversas do trabalho digital em plataformas biopolíticas: flexibilidade, vitalidade e legibilidade. Poderia explicá-las melhor?

Ao mapear a biopolítica das plataformas, descrevemos três “virtudes perversas” que elas cultivam nas pessoas que trabalham nelas. Esses conceitos vieram da análise de todas as entrevistas que Karen fez com os entregadores da Deliveroo em Edimburgo, na Escócia. Nós as chamamos de “virtudes”, em vez de conhecimentos ou habilidades, porque têm mais a ver com os traços, comportamentos e relacionamentos pessoais. Além disso, o termo traz certa carga ética, de modo a enfatizar que o desenvolvimento dessas virtudes não se limita a alguém ser apenas mais produtivo, mas também a se tornar uma pessoa “melhor” de acordo com os valores da plataforma. Nós os chamamos de “perversos” porque esses traços, comportamentos e relacionamentos são “virtuosos” da perspectiva das plataformas. Elas adotam uma virtude, que a princípio parece desejável, como aptidão física ou autonomia pessoal, e a distorcem de modo a beneficiar a empresa em vez de promover o bem-estar dos trabalhadores.

A primeira virtude que analisamos é a “flexibilidade”. Plataformas como a Deliveroo usam-na regularmente para seduzir os trabalhadores sob a promessa da capacidade de “ser seu próprio chefe” e escolher quando trabalhar. Isso faz o trabalho de plataforma parecer uma maneira rápida e fácil de ganhar dinheiro em paralelo a outras atividades, como cursar uma universidade ou cuidar de uma criança. No entanto, o desejo por flexibilidade pode rapidamente se transformar em uma armadilha mental e física. Os entregadores descobriram que tinham de trabalhar o tempo todo para ganhar dinheiro suficiente. Embora a flexibilidade possa inspirar um investimento na própria agência, uma vez que as pessoas começam a confiar no trabalho da plataforma como fonte de renda, ela rapidamente deixa de ser sobre a liberdade de escolha e passa a ser sobre a capacidade de trabalhar de maneira contínua e de acordo com os termos das plataformas. A segunda virtude é

a “vitalidade”. Além da flexibilidade, plataformas como a Deliveroo geralmente enquadram o condicionamento físico como uma vantagem adicional em relação ao trabalho. Elas vão “pagar para você se exercitar”, como dizem as empresas de marketing. E esse potencial é valorizado por muitos ciclistas, às vezes quase tanto quanto a autonomia do trabalho flexível. No entanto, esse trabalho também exige que eles invistam na manutenção contínua de suas bicicletas e seus corpos, e os ciclistas geralmente descobrem que as demandas sobre seu corpo sobrecarregam mais do que o esperado. O trabalho nas plataformas exige a garantia de que a mente e o corpo estejam prontos para o labor quando o algoritmo exigir atenção e energia. A terceira é a “legibilidade”, o que significa que o trabalhador deve ser legível por máquinas. Eles se disponibilizam a serem constantemente monitorados, julgados e classificados pela gestão algorítmica, gerando um fluxo constante de dados sobre suas atividades e sobre a cidade. E eles precisam manter suas estatísticas de desempenho altas, atendendo às demandas da plataforma, ou correm o risco de serem excluídos. Os dados que geram – enquanto mapeiam as complexidades logísticas de navegar nas cidades e transportar objetos e comida – são sem dúvida bem mais valiosos do que aquilo que eles entregam.

E o que significa compreender os dados como forma de capital?

Os dados se tornaram uma parte essencial do capitalismo contemporâneo. De fato, a dataficação de tudo e as formas como transformam os negócios e a sociedade podem ser vistas como uma característica definidora da nossa era. Observar a economia política dos dados me leva a argumentar que estes agora constituem uma forma de capital, assim como o dinheiro e a maquinaria. Assim como esperamos que as empresas sejam guiadas por lucro, agora devemos esperar também que sejam guiadas por dados, o que envolve um profundo imperativo de acumular o máximo possível deles. O exemplo da Deliveroo capturando montanhas de dados de seus usuários é apenas um entre inúmeros outros. Todos os setores da economia, todas as instituições da sociedade foram, no mínimo, afetadas pelo capital de dados, ou chegaram até a transformar suas operações a fim de serem orientadas por eles. Os dados são centrais para a produção de novos sistemas e serviços, e é essencial para as empresas obter mais lucro e exercer mais poder sobre pessoas, lugares e processos. Assim, atender às demandas desse imperativo de dados tem sido a principal motivação para os modos como o capital cria e usa as tecnologias.

Como construir alternativas a essas tecnologias *too smart* – como você mostra em seu livro?

O primeiro passo para mudar essas tecnologias e mitigar suas consequências não é realmente tão radical – ou, pelo menos, não deveria ser visto dessa forma. Devemos simplesmente aplicar às empresas de tecnologia as leis, as políticas e os regulamentos que já existem. Está bem estabelecido agora que muitas plataformas

digitais, como Uber e Airbnb, existem em constante estado de ilegalidade. Seus modelos de negócios baseiam-se em ignorar, minar e alterar regulamentações: elas só se preocupam com rápida expansão e escalonamento, argumentando que, se tivessem de cumprir as leis, isso diminuiria seu crescimento ou talvez sua própria viabilidade. Dizem que essas leis agem como um freio de mão na economia e na inovação, retardando o crescimento e o progresso. Mas os políticos e o público não devem cair nessa retórica egoísta, puxando o freio de mão, isso sim, nas atividades dessas empresas de tecnologia. Elas estão tão preocupadas em se mover rápido e atropelar o que há pela frente que agora é nossa responsabilidade interrompê-las antes que nos joguem de um penhasco.

Além da aplicação das leis existentes, defendo também táticas mais radicais para mudar a política das tecnologias “inteligentes” e construir um mundo melhor. Em meu livro, falo com mais profundidade sobre três delas: desconstruir capital, democratizar a inovação e exigir dados. Resumidamente, a primeira se inspira no antigo movimento ludista. Há um impulso de construir constantemente coisas novas, mais camadas e sistemas, colados e empilhados sobre os estratos atuais. Certamente precisamos de tecnologias alternativas, mas também devemos nos desfazer em grande parte das tecnologias que já existem. Muitas delas visam promulgar regimes de vigilância e controle, e nunca deveriam ter sido criadas; portanto, temos o dever de removê-las do mundo. A segunda baseia-se em dar a mais pessoas o poder para influenciar de que modo, por que e com quais finalidades novas tecnologias são criadas. Isso significa deixar de tratar a inovação como uma força mística acessada apenas por uma classe de elite e compreendê-la como um esforço humano a beneficiar a todos. Um processo verdadeiramente inclusivo de inovação produzirá melhores resultados sociais e ambientais. E a terceira diz respeito à necessidade de mudar o regime de propriedade dos dados. Como expliquei anteriormente, os dados são tratados como uma forma de capital, como propriedade privada, extraída, possuída e usada por um pequeno número de grandes empresas para a obtenção de lucro e poder. Uma maneira de desafiar o capitalismo digital é fazê-lo sangrar por meio da desmercantilização dos dados, transformando-os em um recurso comum, administrado para o bem público. Em vez de coleta de dados, precisamos de coletivização de dados. Essas não são as únicas táticas a seguir, mas juntas fornecem uma maneira de resistir ao sistema existente, criar alternativas de projeção e uso de tecnologias e, finalmente, apreender a inteligência para construir um mundo melhor.